

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS ESPIRITISMOS: AS PRECURSORAS DO ESPIRITISMO KARDECISTA EM MARIALVA (1972-2016)

Carolina Cleópatra da Silva Imediato
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

A presente comunicação pretende apontar algumas perspectivas acerca da representação da mulher no espiritismo, partindo das trajetórias de Carolina de Mathias Sozza e Maria Aparecida Maximiano, na medida em que são mulheres cuja liderança é significativa para a formação dos espiritismos na cidade de Marialva (1972-2016). Esse trabalho está conexo ao projeto de Mestrado intitulado *A Casa Espírita Paulo de Tarso (2006-2016) e as manifestações religiosas espíritas em Marialva-PR* e utiliza como fonte a biografia *Os campos precisam florir: relatos de D. Cida, uma vencedora* (GUIMARÃES, 2014), bem como pesquisa de campo e entrevistas realizadas com os colaboradores da Casa Espírita Paulo de Tarso e do Centro Espírita André Luiz, ambos na cidade de Marialva-PR. Nessa proposta, a História das religiões é entendida como discurso histórico e culturalmente construída (CHARTIER, 2002) e as representações das mulheres em destaque são compreendidas a partir das noções de “táticas” e “estratégias” de Michel de Certeau (1998). Para discutir a representatividade de Maria Aparecida e Carolina de Mathias no espiritismo, em Marialva, é utilizada também a categoria de gênero discutida por Joan Scott (1990).

Palavras-chave: Representação da mulher; História das religiões; Espiritismo.

INTRODUÇÃO

Primeiramente, cabe salientar que este artigo está conexo ao projeto de Mestrado intitulado *A Casa Espírita Paulo de Tarso (2006-2016) e as manifestações religiosas espíritas em Marialva-PR*. Para atender as especificidades do Simpósio Temático inscrito, pretendemos apontar algumas perspectivas acerca da representação da mulher no espiritismo, partindo das trajetórias de Carolina de Mathias Sozza e Maria Aparecida Maximiano, na medida em que são mulheres cuja

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



liderança é significativa para a formação dos espiritismos na cidade de Marialva (1972-2016). Para tanto, utilizamos como fonte a biografia *Os campos precisam florir*: relatos de D. Cida, uma vencedora (GUIMARÃES, 2014), bem como pesquisa de campo.

Salienta-se ainda que o presente trabalho se trata de uma pesquisa historiográfica e, por isso, reclama atender às especificidades do ofício de historiador. Nessa proposta, a História das religiões é entendida como discurso histórico e culturalmente construída (CHARTIER, 2002) e as representações das mulheres em destaque são compreendidas a partir das noções de “táticas” e “estratégias” de Michel de Certeau (1998). Para discutir a representatividade de Maria Aparecida e Carolina de Mathias no espiritismo, em Marialva, é utilizada também a categoria de gênero discutida por Joan Scott (1990).

Partimos da categoria de gênero, discutida por Joan Wallach Scott (1990) na obra “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”, na medida em que esse conceito nos permite pensar além da História das mulheres, permite-nos também compreender a relação das mulheres entre si e a relação entre homens e mulheres, em perspectiva histórica. Sobretudo no que diz respeito à trajetória da Sra. Maria Aparecida Maximiano, a qual as fontes puderam nos fornecer mais material de análise até o momento, a categoria de gênero explica diversas situações da trajetória dessa mulher que nos permite pensar o papel dela na família, na comunidade e na religião e, sobretudo, permite-nos entender algumas posturas religiosas dela. A discussão realizada por Joan Scott nos auxilia também na inserção da figura da Sra. Carolina de Mathias Sozza na historiografia regional.

Pensando sobre os apontamentos realizados por Roger Chartier acerca da escrita histórica, vê-se que o objeto da história deixou de ser apenas as estruturas que regulam as relações sociais, a história passou a se preocupar com as racionalidades e as estratégias utilizadas pelas comunidades, parentelas, famílias, indivíduos. Buscamos reconhecer de que forma as trabalhadoras em questão dão sentido a suas práticas e a seus discursos, o que, nas palavras de Chartier (2002) “parece residir na tensão entre as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, de outro lado, as restrições, as normas, as convenções que limitam [...] o que lhes é possível pensar, enunciar, fazer” (2002, p. 91).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Para Chartier (2002) toda história deve pensar a diferença através da qual as sociedades subtraíram do cotidiano, em figuras variáveis, um domínio particular da atividade humana, bem como pensar as dependências que inscrevem variadamente a invenção estética e intelectual. Segundo Chartier (2002), autores como Louis Marin, Bronislaw Geremek e Carlo Ginzburg escreveram uma história das modalidades do fazer-criar e das formas de crenças, trata-se de uma história das relações simbólicas, uma história da aceitação ou rejeição do ideário inculcado.

A HISTÓRIA DO ESPIRITISMO KARDECISTA EM MARIALVA

Embora o levantamento acerca da trajetória da Sra. Carolina de Mathias Sozza esteja ainda no início, é possível apontá-la como fundadora do espiritismo em Marialva. Para explicar essa assertiva, faz-se necessário uma breve contextualização da cidade de Marialva.

Marialva foi fundada pela Companhia de Terras Norte do Paraná na década de 1940, tendo sido planejada como Patrimônio, entre Mandaguari e Maringá, no trecho conhecido como caminho de Peabiru. Marialva foi elevada a Distrito de Mandaguari através da Lei Estadual n° 2 de 01/10/1947. A emancipação sobreveio em 14 de novembro de 1951 com a Lei Estadual nº 790/51. A origem do nome da cidade é uma homenagem a D. Pedro de Alcântara Menezes, o Marques de Marialva (1711-1799), conforme El Khatib (1969).

O Espiritismo é citado por Ricieri (2008) no capítulo sobre “Assistência Social”. A autora relata que a Casa da Sopa foi fundada pelo casal Silvério Antonio Sozza e Carolina de Mathias Sozza, os quais tiveram dificuldades para fundá-la, uma vez que não havia centro espírita kardecista em Marialva até a década de 1970. Ricieri (2008) descreve que o casal Silvério e Carolina precisou vender uma propriedade rural para adquirir a casa que posteriormente serviu como Casa da Sopa. Voluntários como Geraldo Neves da Luz, representante da 7ª União Regional Espírita (URE) e da Federação Espírita do Paraná, bem como Odeonel Lopes, José Antônio Aurélio Zuffo, João Antonio de Mathias e Antonio Eugênio de Souza, auxiliaram na edificação do prédio que se encontra hoje no terreno. A Casa da Sopa foi inaugurada em 15 de outubro de 1972. A propriedade adquirida por Silvério e

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Carolina é hodiernamente a sede da Sociedade Espírita André Luiz, a qual teve como primeiro presidente o Sr. Odeonel Lopes, conforme narra Ricieri (2008).

Atualmente, na cidade de Marialva, existem dois centros espíritas, regularmente registrados na Federação Espírita do Paraná (FEP): a “Casa Espírita Paulo de Tarso” e a “Sociedade Espírita André Luiz” (ou “Centro Espírita André Luiz” como é conhecida), conforme pode ser verificado pelo sítio¹ oficial da federação.

Após as entrevistas iniciais e diante do que pôde ser percebido até o momento através da pesquisa de campo, percebe-se que a Casa da Sopa e, posteriormente, o Centro Espírita André Luiz, foi fundada pela Sra. Carolina de Mathias Sozza e seu esposo. As narrativas míticas apontam a forte vontade de D. Carolina como responsável pelo empreendimento, embora ela tenha tido apoio e auxílio material de outras pessoas e da União Regional Espírita (URE). Os colaboradores do centro espírita, ao relatar a história de fundação da casa, explicitaram a dedicação e o desprendimento da Sra. Carolina para fundá-la e para mantê-la, cozinhando e servindo sopa às vezes até mesmo sob chuva.

Os netos da Sra. Carolina relataram que a avó sempre pedia para que eles lessem o evangelho para ela, porque a Sra. Carolina não sabia ler. Já o Sr. Roque disse que ela sabia ler, com dificuldade apenas.

A Sra. Carolina e o Sr. Silvério tiveram doze filhos. Residiram no interior do Estado de São Paulo e no noroeste do Paraná. Os relatos descrevem a Sra. Carolina como sendo uma pessoa muito dedicada à família e aos necessitados, de personalidade serena e firme, embora fosse bondosa, era uma mulher muito enérgica. A Sra. Carolina é retratada como um exemplo cristão e o seu trabalho é comemorado até os dias atuais, lembrando bastante as hagiografias.

Conforme os relatos obtidos através de entrevista com o Sr. Roque, a Sra. Carolina conheceu o espiritismo na cidade de Gleba Alegre-SP, quando buscava auxílio espiritual para os acessos do filho. Com a cura do filho, o casal abraçou vigorosamente a doutrina espírita.

A Sra. Carolina e a família residiram na área rural de Mandaguari. Com as dificuldades que o Centro Espírita Allan Kardec estava passando, com carência de

¹ Disponível em: < <http://www.feparana.com.br/ures/listagem/>>. Acesso em 18 maio de 2016.

colaboradores, a D. Carolina e o Sr. Silvério decidiram comprar uma residência em frente ao referido Centro, a fim da D. Carolina poder cuidar do Albergue da instituição.

Em meados de 1964, o casal Sozza se mudou para Maringá e cuidaram da sopa da AMEM (Associação Espírita de Maringá) por 5 anos. Ainda em Maringá, a D. Carolina teria pensado em fazer mais e levar a caridade e a doutrina espírita a algum lugar que carecesse mais. Conforme explicou o filho do casal, a decisão de fundar uma casa da sopa e um centro espírita em Marialva foi da Sra. Carolina e que o seu genitor concordou porque “sempre fazia tudo por sua esposa” (*sic*).

Dentre os pontos da trajetória da D. Carolina, narrados por seus familiares, as que mais chamaram a atenção foram: a) a venda de um imóvel da própria família para abertura da Casa da Sopa, na forma de fundação e parte integrante da Federação Espírita do Paraná, na medida que o bem passou a ser da instituição; b) o milagre do parto; quando uma de suas filhas estava em trabalho de parto faltou energia elétrica na cidade, porém, quando a criança nasceu, pelas mãos de D. Carolina, os presentes alegam ter visto um clarão no quarto e que a luz advinha de D. Carolina; c) Acolhimento e abrigo à Ester, mulher que trabalhava como prostituta e havia sido expulsa do estabelecimento por que estava com tuberculose; a Sra. Carolina abrigou e cuidou da moça até a sua morte e depois custeou o seu enterro; d) quando a Sra. Carolina pensou em desistir das obras de caridade, ante a dificuldade para conseguir recursos e administrar os voluntários, recebeu conselhos de Divaldo Franco, quando este veio à cidade palestrar, o qual teria lhe dado conselhos animadores para poder continuar.

Citar a Sra. Carolina de Mathias Sozza na historiografia regional é importante, na medida que foi uma mulher de grande relevância, na cidade de Marialva e região. Segundo Joan Scott a historiografia deve apresentar a participação feminina na história, resgatando suas heroínas e explicando as dificuldades da opressão patriarcal.

Em outro trabalho, Joan Scott discute a história da emergência dos estudos sobre a mulher: numa narrativa tradicional, diferente da que apresenta esta autora em seus trabalhos, a história das mulheres teria surgido nos anos 1960, com o movimento feminista exigindo que a historiografia apresentasse a participação

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



feminina na história, resgatasse suas heroínas e que explicasse a opressão patriarcal. Estava-se num momento no qual os historiadores desfrutavam de uma “estranha imunidade”, “a de não pertencerem a nenhum sexo” ; tinha-se, então, que convencê-los a assumirem que eles o possuíam, e que isso era relevante. Nos anos 1970, a historiografia das mulheres teria se afastado da política, com a ampliação do campo de questionamento e o surgimento de controvérsias internas e de autoridades intelectuais no tema. Nos anos 1980, teria havido o rompimento definitivo com a política, com o surgimento do termo gênero, aparentemente neutro, desprovido de propósito ideológico imediato.

Em relação à Sra. Maria Aparecida Maximiano, em informações obtidas através de pesquisa de campo preliminar, foi possível constatar que sua participação no espiritismo marialvense foi fundamental para a fundação da Casa Espírita Paulo de Tarso.

O grupo que fundou a Casa Espírita Paulo de Tarso surgiu em um grupo de estudos sobre “Evangelho segundo o espiritismo”, um livro do Pentateuco espírita codificado por Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Leon Denizard Rivail). Os encontros do grupo eram realizados na casa da D. Maria Aparecida do Planalto. Esse grupo cresceu e passou a realizar sessões mediúnicas, também na casa da D. Maria e sob a supervisão desta.

A procura de pessoas na casa da D. Maria era diária e cresceu muito, o que fez com que seus filhos reclamassem da manutenção do grupo em sua casa. Assim, o grupo decidiu procurar outro lugar para fazer os estudos e as reuniões mediúnicas. Alugaram uma casa no Jardim dos Nobres e passaram a se reunir naquele local a partir de 2006.

O grupo que fundou a Casa Espírita Paulo de Tarso se constituía basicamente de pessoas que conheceram o espiritismo através da D. Maria e pessoas remanescentes do Centro Espírita André Luiz (CEAL). A casa alugada para as reuniões foi locada em nome de Lenita (pseudônimo) e Sra. Monika Domene foi a sua fiadora.

As reuniões mediúnicas eram dirigidas por D. Maria e por D. Edileuza (pseudônimo) e as duas doutrinavam os espíritos atendidos. Após alguns meses,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



devido a desentendimentos, D. Maria saiu da Casa Espírita e passou a atender as pessoas novamente em sua própria residência.

Com a saída da D. Maria da Casa Espírita, os médiuns por ela treinados saíram também, permanecendo a Sra. Monika e seu companheiro Sr. Marcos, os quais haviam conhecido o espiritismo através da D. Cida, bem como alguns colaboradores remanescentes do CEAL, que passaram a ser dirigidos então pela D. Edileuza, única médium ostensiva² do grupo. Como a D. Edileuza era a única médium psicofônica, Sr. Marcos aprendeu a doutrinar para que as reuniões continuassem a ser realizadas.

Há divergências nos relatos fornecidos em relação ao motivo pelo qual D. Maria deixou a Casa Espírita. A Sra. Monika e o Sr. Marcos afirmam que a D. Maria se desentendeu com a D. Edileuza porque esta dizia que as práticas da D. Maria eram de “animismo³” e não de “mediunismo”. A D. Maria, por sua vez, relata: que “as pessoas da Casa não me queriam lá” (*sic*); que “a Lenita e a Edileuza estavam vendendo os livros que consegui para os estudos a 10 reais na Bezerra de Menezes em Maringá” (*sic*); que “Lenita disse que as doações da Casa deveriam ir para os trabalhadores pobres da Casa e que eu era a mais pobre” (*sic*); que “me desprezavam porque sou preta, pobre e analfabeta” (*sic*).

Antes da saída da D. Maria da Casa Espírita, a mesma era a responsável pelos tratamentos espirituais de cura. Após seu afastamento, a D. Edileuza assumiu a função.

A Casa Espírita Paulo de Tarso se organizou da seguinte forma após a saída da D. Maria do grupo: A D. Edileuza passou a ser a única dirigente dos trabalhos mediúnicos (reuniões mediúnicas e reuniões de desobsessão) e a Presidente da Casa; a Sra. Monika Domene assumiu a tesouraria da Casa e o atendimento fraterno, este último com o auxílio da Sra. Vanessa Batista; o Sr. Marcos Silva passou a ser o doutrinador nos trabalhos mediúnicos.

² A mediunidade ostensiva é aquela que se manifesta por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, conforme explicitado no “Livro dos Espíritos” (KARDEC, p. 34-35), disponível em <<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/135.pdf>>. Acesso em 4 set. 2016.

³ O animismo para a doutrina espírita é um fenômeno em que “a comunicação é realizada pelo próprio encarnado, quando este se encontra no estado de emancipação da alma, vulgarmente conhecido no meio espírita como *anímico* ou, ainda, de *desdobramento espiritual*”. (Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/mediunismo-e-animismo/>>. Acesso em 19 maio de 2016).

Realização:

Apoio:



Com o aumento de frequentadores da Casa, foram acrescentadas outras terapêuticas ao atendimento, como a acupuntura e o reiki. A acupuntura não permaneceu. O reiki continua sendo utilizado na Casa e a sua direção foi assumida pelo Sr. Ney, trabalhador que não participou de sua fundação.

A Sra. Monika Domene registrou a Casa Espírita Paulo de Tarso junto à Federação Espírita do Paraná (ano), através da presidência da 7ª URE (União Regional Espírita) e comunicou o presidente que, embora estivesse se filiando, “a Casa iria continuar a oferecer reiki aos frequentadores” (*sic*).

A Casa Espírita Paulo de Tarso hodiernamente oferece aos frequentadores palestras semanais, aplicação de reiki diariamente; atendimento fraterno, atendimento mediúnico, grupo de estudo do “Evangelho segundo o espiritismo”, grupo de estudo do ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita), grupo de estudo do livro “O Céu e o Inferno”, grupo de estudo do livro “Nosso Lar” e grupo de apoio ao luto “Maria de Nazaré”.

Em relação à vida pessoal de D. Cida, através de entrevistas e de sua biografia “Os campos precisam florir”, foi possível perceber que o processo de exclusão pelo qual passou no seio espírita de Marialva não foi fato isolado em sua trajetória.

A D. Cida casou-se com 13 anos, neta de homem escravizado, filha de preto e índio. Teve 10 filhos, sendo que um nasceu morto, o qual ela conta igualmente como sendo filho dela. Sofreu violência física, psicológica e obstétrica de seu ex-marido. Passou fome, trabalhou na roça, teve câncer, não aprendeu a ler ou escrever, nem contar dinheiro. Divorciou-se depois de idosa, porque recebeu apoio de um dos filhos. Foi excluída da Igreja, do Centro Espírita de Apucarana, do Centro Espírita André Luiz, da Casa Espírita Paulo de Tarso, a qual fundou. Encontra-se, ainda hoje, doente. Ela se considera uma vencedora.

O trajeto de vida de D. Cida, relatado na biografia *Os campos precisam florir*: relatos de D. Cida, uma vencedora (GUIMARÃES, 2014) e também por ela mesma, denota a forte presença da crença cristã, em que o martírio e a resignação elevam o espírito e, por isso, devem ser considerados uma oportunidade de servir Jesus.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Mary del Priore recorda que a história dos espiritismos no Brasil é marcada em grande parte pela presença da mulher, seja como vidente, como cartomante, como sonambula ou como médium.

Ao fazer um contraponto entre as trajetórias de Carolina de Mathias Sozza e de Maria Aparecida Maximiano, é possível analisá-las a partir das ideias de “táticas” e “estratégias” de Michel de Certeau (1998), em vista que a D. Cida exerce sua religiosidade e trabalha pela sua crença sem possuir um “próprio”, conforme as demandas surgem, D. Cida se adapta, lance a lance. A tentativa de estabelecer um próprio através da fundação da Casa Espírita Paulo de Tarso não se operacionalizou para a D. Cida, conquanto a instituição tenha proporcionado a operacionalização de estratégias por outros integrantes do grupo da D. Cida.

Já a D. Carolina conseguiu, juntamente com o grupo que lhe apoiou, o domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo; teve a possibilidade de antecipar-se ao tempo pela leitura de um espaço. O trabalho da D. Carolina em Marialva já começou de forma estratégica, mais do que um esboço a Casa da Sopa e o Centro Espírita André Luiz já começou a tomar forma quando da compra do terreno no início da década de 1970, tornando-se realidade palpável e juridicamente embasada em 1972.

Ressalta-se que embora os maiores esforços em fundar o primeiro centro espírita de Marialva tenha partido do casal Sozza, especialmente de D. Carolina, o estatuto de fundação colocou o Sr. Odeonel, representante da 7ª URE (União Regional Espírita – Maringá) como primeiro presidente da instituição e o Sr. Silverio Sozza como vice. Esse ponto nos traz alguns questionamentos, os quais pretendemos dirimir com a continuação da pesquisa.

É possível verificar que o apoio da URE ao empreendimento da D. Carolina teve grande influência na operacionalização estratégica da fundação da instituição espírita em Marialva, conquanto não tenha sido um apoio desinteressado, senão vejamos: embora os recursos físicos tenham advindo em grande parte do casal Sozza, o estatuto prevê severa submissão da instituição à Federação Espírita do Paraná – FEP (não só no que tange à disposição dos bens da fundação, quanto do ponto de vista doutrinário); o presidente da instituição foi o representante da URE local, sendo que a União Regional é uma subdivisão administrativa da FEP.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Embora a Casa Espírita Paulo de Tarso não esteja subordinada à Federação Espírita paranaense da mesma forma que o CEAL, está registrada no órgão e, assim, recebe orientações doutrinárias da URE e também fornece auxílio ao órgão quando há promoções de venda de pizzas ou rifas; podendo, entretanto, afastar as orientações que recebe caso seus 'trabalhadores' assim queiram. A Casa Espírita Paulo de Tarso é uma instituição e consegue operacionalizar suas práticas de forma estratégica, diferentemente da D. Cida, a qual realiza seu trabalho espiritual de forma tática.

Para Certeau (1998), a diferença entre tática e estratégia reside nos tipos de operações que as estratégias são capazes de produzir, mapear, impor, enquanto que as táticas só podem utilizá-los, manipulando ou alterando. É importante frisar que os contextos de usos, segundo Certeau (1998), remetem ao ato de falar. O enunciado supõe uma efetuação do sistema linguístico, isto é, a língua só se torna real no ato de falar, bem como uma apropriação da língua por quem age e a implantação de um interlocutor, real ou fictício, além da instauração de um tempo presente. Esse modelo pode ser aplicado a operações não linguísticas que dependam de consumo. Certeau (1998) alerta, entretanto, que se faz necessário analisar a natureza dessas operações, considerando suas relações de forças (não só os fortes empreendem “ações”).

Certeau (1998) denomina estratégia o cálculo das “relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado” (p. 93). A estratégia reclama um lugar “próprio” de ação, o que ocasiona efeitos, tais como: o domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo; possibilidade de antecipar-se ao tempo pela leitura de um espaço; o poder do saber. A estratégia utiliza do poder para elaborar lugares teóricos (sistemas e discursos) que articulem um conjunto de lugares físicos onde as forças possam se distribuir.

A tática, por sua vez, na conceituação de Certeau (1998), é a ação calculada, que é determinada justamente pela ausência de um “próprio”. A tática não logra a autonomia, não tem um lugar seu e, por isso, trabalha com aquilo que lhe é imposto. A tática não possui visão global do adversário, sua operação se dá lance por lance. A tática se aproveita das ocasiões e depende delas, não possui o controle dessas ocasiões, utiliza o tempo com astúcia. A tática é determinada pela ausência de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



poder, enquanto a estratégia é estabelecida pelo postulado de um poder. Certeau (1998) sugere que as práticas cotidianas dos consumidores, tais como habitar, falar, ler, comprar, ou cozinhar são tipos de táticas, isto é, são gestos astuciosos do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”.

Dessa forma, verifica-se que o Centro Espírita André Luiz já foi fundado com apoio institucional, de forma estratégica, diferentemente da Casa Espírita Paulo de Tarso, o qual surgiu como grupo não articulado, utilizando o espaço da residência da Sra. Maria Aparecida de forma precária, isto é, improvisada. Além disso, o grupo não possuía regras bem estabelecidas, bem como suas práticas e estudos doutrinários ainda se encontravam em construção. Dessa forma, é possível perceber que de 2004 a 2006 o grupo fundador utilizou de “táticas” para se manter, solucionando as ocasiões lance a lance, trabalhando com aquilo que lhe era imposto. A partir de 2006 o grupo fundador da Casa Espírita Paulo de Tarso conseguiram se organizar de forma estratégica e passaram, assim, a ter um “próprio”. A Sra. Maria Aparecida, por sua vez, não permaneceu no grupo e voltou a atender em sua residência, sem vínculo institucional, operacionalizando novamente as “táticas” que lhe eram conhecidas.

Por fim, embora a pesquisa esteja em fase inicial, é possível tecer algumas considerações. Dentre as considerações mais relevantes, a principal é reconhecer que a Sra. Carolina de Mathias Sozza e a Sra. Maria Aparecida Maximiano foram as principais fundadoras do Centro Espírita André Luiz e Casa Espírita Paulo de Tarso, respectivamente. Sem desprezar a colaboração dos demais membros das duas instituições, parece-nos que sem o trabalho missionário dessas duas mulheres, não teria sido possível a fundação dos referidos centros naquele momento histórico em Marialva.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *Fazer com: usos e táticas*. In: CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. 3. ed. trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.v1., p. 91-106.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



- CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e conhecimento. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 81-100.
- DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2014.
- GUIMARÃES, Tânia Braga. *Os campos precisam florir: relatos de Dona Cida, uma vencedora*. Biografia. 2014.
- EL-KHATIB, Faissal. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In:GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-180.
- RICIERI, Maria Teresa. *Marialva: do café à uva fina*. Maringá: Clichetec, 2008.
- SCOTT, Joan W. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

ABSTRACT

This paper intends to point out some perspectives on the representation of women in spiritism, starting from the trajectories of Carolina de Mathias Sozza and Maria Aparecida Maximiano, in that they are women whose leadership is significant for the formation of spiritisms in the city of Marialva (1972- 2016). This work is related to the master project entitled *A Casa Espírita Paulo de Tarso (2006-2016) e as manifestações religiosas espíritas em Marialva-PR* and uses as a source the biography *Os campos precisam florir: relatos de D. Cida, uma vencedora* (GUIMARÃES, 2014), as well as field research and interviews with the collaborators of the Casa Espírita Paulo de Tarso and the Centro Espírita André Luiz, both in the city of Marialva-PR. In this proposal, the History of Religions is understood as a historical and culturally constructed discourse (CHARTIER, 2002) and the representations of women in the foreground are understood from the notions of "tactics" and "strategies" by Michel de Certeau (1998). In order to discuss the representativeness of Maria Aparecida and Carolina de Mathias in spiritism, in Marialva, the category of gender discussed by Joan Scott (1990) is also used.

Keywords: Representation of women; History of religions; Spiritism.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

